

FAUSTINO, Deivison Mendes. *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro*. 1. ed. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

Lourival Aguiar[†]

Entender o pensamento de Frantz Omar Fanon é um desafio. O filósofo, psiquiatra e revolucionário martinicano, que morreu vítima de leucemia aos 36 anos, foi um pesquisador e pensador incansável, que dedicou sua vida a entender os malefícios do colonialismo na psique negra ao mesmo tempo em que lutava pela libertação da Argélia.

Sua trajetória rica em detalhes e reviravoltas permite diferentes leituras e apropriações de Fanon, criando assim distintos *fanonismos*¹. Um longo período acabou por distanciar sua história do pensamento crítico e dialético ao qual Fanon dedicou sua vida. O livro *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro*, escrito pelo paulista Deivison Faustino², apresenta o martinicano em sua plenitude: negro, intelectual e revolucionário. De leitura fácil e apaixonada, conseguimos mergulhar em diferentes fanonismos presentes no texto. Em 2015, Faustino defendeu a tese de doutorado intitulada *Por que Fanon, por que agora?: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil*, que recebeu a Menção Honrosa do Prêmio Capes na área de Sociologia da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Para melhor compreensão, dividimos esse livro em três partes³, de forma a dar destaque para suas vivências e sua trajetória como intelectual. Tal divisão se configura estruturalmente da seguinte forma: a parte um (1) é compreendida pelos capítulos de 1 a 5, a parte dois (2) corresponde aos capítulos de 6 a 11, e, por fim, a parte três (3) refere-se aos capítulos de 12 a 20. Na primeira parte, o autor paulista apresenta diferentes leituras possíveis de Frantz Fanon com base em seus escritos. Nesse primeiro momento, destacamos as duas mais conhecidas obras de Fanon: *Peles negras, máscaras brancas* (1952) e *Condenados da Terra* (1961). No livro *Peles negras, máscaras brancas*, encontramos Fanon voltado para o interior do ser humano, sua psique e os efeitos do colonialismo sobre seu sofrimento e autorregulação. Este é o Fanon reivindicado pelos movimentos pós-modernistas e pós-estruturalistas, que viam a luta anticolonialista como uma batalha apenas do campo subjetivo/ideológico. Já “*Condenados da Terra*” revela um Fanon atrelado à luta anticolonial e pela independência da Argélia, com uma condução teórica

[†] Mestre em Estudos Culturais e doutorando em Antropologia, pela USP.

¹ Termo criado por Henry Gates Jr (1991, p. 458) para designar as diferentes formas de se compreender as teorias de Frantz Fanon.

² Conhecido como Deivison Nkosi, ele é Professor Adjunto da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada Santista, onde também atua como pesquisador do Núcleo Reflexos de Palmares e do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros – NEAB da UNIFESP. É integrante do Instituto Amma Psique e Negritude e do Grupo político Kilombagem.

³

mais materialista e dialética, ou seja, que parte do campo material para entender as questões subjetivas. Essas duas obras são as mais famosas de Fanon e as de maior reconhecimento internacional.

No ensaio proposto por Faustino, o autor deixa explícito que não existe uma leitura “correta” acerca da obra de Fanon, mas sim formas distintas de se conhecer seu pensamento. O livro é um convite para que possamos sair da dicotomia presente nas leituras atuais de Fanon e possamos desfrutar o autor de maneira mais holística e profunda.

Nos capítulos iniciais que representam o primeiro bloco, somos apresentados ao homem que dará origem ao intelectual Fanon: um jovem, oriundo de uma família de classe média na então colônia francesa Martinica, uma ilha localizada no Caribe. Seu lugar de classe propiciou que Fanon tivesse acesso aos estudos no *Lyccê* (escola de excelência em que cursou etapa educacional equivalente ao nosso ensino médio), e assim pudesse receber uma educação formal acima da média dos martinicanos. Ao término da escola, Fanon serviu na Segunda Guerra defendendo a França colonialista, tendo lutado em frentes de batalha na África e na Europa. Foi ferido nesta última e retornou a Martinica em 1945 como herói de guerra. Sua educação e sua posição de herói de guerra lhe possibilitaram ser aprovado em uma universidade francesa. Iniciou os estudos em odontologia e posteriormente mudou para psiquiatria forense, na cidade de Lyon.

Aqui se inicia o segundo bloco, que traz com ele as experiências de um corpo negro em uma sociedade branca colonialista e de uma mente negra cheia de referenciais eurocêntricos. Por um lado, Fanon queria se integrar na sociedade e, por outro, se sentia repellido por ela, situação que o levou ao limite ao final de seu curso de psiquiatria. É nesse momento que escreve sua primeira tese de graduação *Ensaio sobre a desalienação do negro*, que se tornaria futuramente o livro *Pele negra, máscaras brancas*. Esse trabalho é vetado por seu orientador. Em poucas semanas escreve outra tese e é aprovado na faculdade. Fanon então reúne à sua primeira tese novos elementos e a publica como livro. No mesmo ano, 1951, se casa com “Josie” Dublé, com quem permaneceu casado até sua morte e com quem teve um filho⁴, Oliver Fanon, que nasceria anos mais tarde na Argélia.

No livro *Pele negra, máscaras brancas*, o autor, além de traçar os reflexos nocivos do colonialismo sobre a psique negra, ao entender que os complexos de inferioridade internalizados pelos negros resultavam da política colonialista, também estabelece um diálogo crítico com o movimento da negritude⁵. Fanon considerava que o debate sobre a identidade negra tinha como contraponto a visão colonialista, reconhecendo a sua importância histórica, porém apontado os limites que uma visão essencialista sobre o negro poderia gerar. O escritor martinicano usava marcadores materialistas para expor as condições econômicas e sociais que determinam o ambiente no qual a subjetividade é produzida. A utilização desses marcadores mostra uma

⁴ Fanon abandonaria uma filha concebida antes do casamento, Marielle Fanon, fruto de um relacionamento com uma jovem estudante russa.

⁵ O movimento de negritude foi uma corrente literária que reunia escritores de países colonizados pela França (como Senegal, Martinica, Haiti, entre outros), criada por Aimé Césaire (1913-2008) e Leopold S. Senghor (1906-2001), em 1948, que tinha por objetivo reivindicar a identidade e cultura negra de maneira positiva, se opondo à ideia eurocêntrica de que apenas a cultura europeia podia ser entendida como “cultura” e, dessa maneira, sendo entendida como superior, ou seja, “civilizada”. Esse movimento construiu bases que posteriormente seriam usadas para impulsionar o movimento por libertação dos países africanos.

aproximação de Fanon com o marxismo, fator que será aprofundado futuramente com sua relação com os partidos comunista francês e italiano.

A preocupação de Fanon com os malefícios do colonialismo atravessará todos os seus escritos. Faustino nos mostra durante sua obra esses diferentes momentos de reflexão e como suas críticas ao colonialismo se tornarão cada vez mais contundentes e sua atuação mais abertamente política. Os esforços em implementar novas formas de pensar a psiquiatria levam Fanon a procurar um estágio com François Tosquelles (1912-1994), famoso psiquiatra espanhol que estava desenvolvendo técnicas alternativas de tratamento e estudo da psique, de forma sempre a reabilitar os pacientes. Fanon buscou Tosquelles, pois considerou fascinante a possibilidade da psiquiatria não só de operar no controle de pacientes, mas também de reabilitá-los. A partir daí, o jovem médico antilhano poderia introduzir uma psiquiatria que pensasse através das diferenças humanas, de forma a identificar o sofrimento psíquico e seus efeitos na constituição da subjetividade. Após dois anos com Tosquelles, Fanon é aprovado em um concurso para ser chefe de serviço hospitalar para o governo Francês, sendo indicado inicialmente para Pontorson⁶. Meses mais tarde, a pedido do próprio Fanon, foi transferido para Blida, na Argélia.

Fanon se muda para a Argélia, em 1953, para assumir a direção do hospital psiquiátrico em Blida. Lá se deparou com o sofrimento psíquico vivido tanto pelos colonizadores franceses quanto pelos nativos argelinos, sofrimento esse causado pela violência da colonização e pela resistência a ela. Fanon começa então a introduzir uma nova metodologia de trabalho, que, em um primeiro momento, causa irritação nos demais funcionários: ele retira as divisões raciais de alas do hospital, que separava os pacientes argelinos dos pacientes franceses, se negando assim a tratar qualquer um deles com base na diferença racial. O trabalho incluía também atividades ao ar livre e integração entre os pacientes, independentemente se eram argelinos, berberes ou franceses.

No ano seguinte à chegada de Fanon, as ideias de independência começam a ganhar força de maneira mais integral no continente africano, principalmente após as metrópoles colonialistas perderem força durante a Segunda Guerra Mundial. Em resposta, o governo francês se torna mais repressivo e violento, praticando sequestros, torturas e assassinatos de integrantes do movimento de independência. A Argélia era vista como extensão do próprio território francês e não apenas uma colônia, uma vez que era a principal colônia francesa de povoamento⁷. Mesmo o povo argelino tendo resistido desde o início contra a invasão francesa, neste momento a luta anticolonialista ganha novos contornos. Somado a isso, o V Congresso Pan-Africano, realizado em 1945, colocava a necessidade da libertação nacional como única saída, e na Argélia não era diferente. Inicia-se, então uma guerra de guerrilha.

Este é um momento importante da vida de Fanon, que começa a auxiliar os guerrilheiros argelinos em seu hospital. Ele conhece os militantes da FLN (*Frente de Libertação Nacional da*

⁶ Cidade do noroeste da França, pertencente a região da Normandia.

⁷ Colônias de povoamento são, geralmente, territórios utilizados para moradia e subsistências dos colonizadores. São, basicamente, nações invadidas e desenvolvidas através do povoamento pelos colonos e submissão ou extermínio da população local, a fim de estabelecer uma ocupação definitiva e autônoma, de forma a construir uma sociedade economicamente viável, geralmente baseada na agricultura e no comércio. É o modelo oposto ao do colonialismo de exploração, utilizado no Brasil durante todo o período colonial (1530-1808).

Argélia), que pedem abrigo para familiares de militantes presos. No início, Fanon trata apenas de ferimentos físicos e psíquicos causados pelas torturas dos franceses ou pelos conflitos armados. Mais tarde, passa a abrigar perseguidos políticos e contrabandear armas e suprimentos. Com essa postura passa a assumir um lado na guerra entre argelinos e franceses, escolha que se tornaria pública apenas após Fanon deixar a Argélia. Ele escolhe o lado dos oprimidos argelinos.

Neste terceiro e último bloco, temos o Fanon que começa a se posicionar como ativista da luta anticolonialista, fazendo ações consideradas subversivas através de sua posição no hospital e até esse momento Fanon ainda tentava manter seu cargo como diretor. Por conta de ser reconhecido como integrante da luta anticolonialista, é convidado para o I Congresso de Escritores e Artistas Negros, que foi realizado em 1956, em Paris. Esse congresso conta com as principais mentes negras daquela época, como Aimé Césaire, W. E. B. Dubois, Leopold Senghor, Édouard Glissant, Jean Price-Mars, entre outros.

Nesse congresso, Fanon apresenta o texto *Racismo e Cultura*⁸, no qual traz críticas mais duras ao movimento de negritude, que Faustino divide em três partes. A primeira dizia que o racismo estava na esfera cultural, e não apenas na intersubjetividade ou na individualidade. A segunda indica que o racismo não se explica apenas pelas categorias culturais, mas também deve ser entendido por meio das categorias socioeconômicas e históricas. Portanto, o racismo não seria um confronto de uma cultura contra a outra, mas sim a “negação sistemática da humanidade do outro em vistas à sua exploração e dominação” (FAUSTINO, 2018, p. 87). O terceiro ponto, e mais polêmico, é a negação da visão colonialista da cultura. Fanon explica que a forma como a identidade cultural era entendida pelo movimento de negritude gerava uma mumificação da cultura. Ela não seria mais viva e em constante transformação, mas sim um modelo estático que deveria ser “preservado”. Para Fanon, essa visão estática era assumida pelos pensadores do movimento de negritude como forma de negar a assimilação cultural. Essa lógica perpetuava a visão colonialista presente no continente africano. Para Fanon, a luta deveria incluir os debates culturais e de identidade, porém deveria transcender essas pautas, no sentido de se tornar uma luta contra a objetificação, exploração e alienação do homem. Assim, Faustino nos presentearia com um capítulo excelente, que mostra de maneira sucinta as divergências de Fanon com o movimento de negritude.

Em meio a investigações de natureza teórica, o intérprete brasileiro da vida e obra de Frantz Fanon apresenta a perseguição ao psiquiatra martinicano pelo governo francês. Pela pesquisa de Faustino, sabemos que o hospital onde Fanon trabalhava sofreu fortes investigações, sendo que vários membros de sua equipe foram torturados. O próprio Fanon é expulso, o que o leva a passar um tempo sendo acolhido na França por amigos, como Sartre e Simone de Beauvoir, seguindo então para a Tunísia. Suas atividades como ativista revolucionário passam por escrever no jornal *El Moudjahid*, um dos principais periódicos do mundo árabe, chefiar um hospital psiquiátrico em Túnis (capital da Tunísia) e participar do II Congresso de Escritores e Artistas Negros. Nesse congresso, retomando o debate sobre o papel da cultura nos movimentos de independência, Fanon afirma que, para que exista cultura, não uma cultura *redescoberta* ou

⁸ “*Racisme et Culture*” no original em francês foi publicado após a morte de Fanon na coletânea “*Pour la Révolution Africaine*”, lançada em 1964.

preservada, mas uma cultura viva, é imprescindível que haja a libertação nacional, ou seja, o renascimento do Estado, a ser conquistada via revolução. Por conta dessas ideias, escreve em 1959 o livro *Sociologia de uma revolução: o ano V da revolução argelina*⁹, contendo suas observações sobre o processo revolucionário em curso na Argélia, sendo entendida por Faustino (2018, p. 103) como uma “verdadeira etnografia do processo revolucionário, ao descrever com detalhes o processo ao qual o autor estava inserido”. Nesse mesmo ano, Fanon sofre dois atentados a bomba enquanto estava em missão na fronteira entre Marrocos e Argélia, no contexto em que está diretamente envolvido com o processo revolucionário argelino, no qual atuava como militante político e como médico. O primeiro atentado deixa-o ferido e o segundo deixa dezenas de feridos e uma criança morta. Houve uma terceira tentativa de assassinato a Fanon, porém ele consegue sair ileso.

Entre seus esforços para expandir a revolução, faz várias viagens para outros países do continente africano, na intenção de formar uma “Legião Africana”, em especial na África de língua francesa, além de esboçar um livro sobre a relação da revolução argelina com outros povos do continente. Porém, durante uma missão no Mali, é acometido por um esgotamento físico e é internado. De volta a Túnis, é diagnosticado com leucemia. Decide então se tratar na Rússia. Ao retornar muda a direção de seu trabalho intelectual, dando o que seria a sua “última contribuição” para a luta anticolonial: coloca toda sua energia em escrever *Os condenados da terra*, concluído após nove semanas de trabalho ininterrupto, que debilitam mais ainda sua saúde. Nesse livro, Fanon coloca sua divergência com a visão marxista sobre o sujeito revolucionário, que, para ele, no caso colonial vivido através de sua experiência na Argélia, não seria o proletariado, mas sim os trabalhadores rurais e os desempregados ou o lumpemproletariado, que “não teriam nada a perder além de seus grilhões” (FAUSTINO, 2018, p. 105), sendo esta a única força política capaz de derrotar o colonialismo. Nesse livro, Fanon ressaltou que o movimento de negritude se encontrava em um impasse: reivindicar incondicionalmente a cultura negra era cair em uma armadilha, pois apenas invertia a chave de afirmação presente no colonialismo.

Em 6 de dezembro de 1961, meses após escrever *Os condenados da terra*, Fanon morre de leucemia nos EUA, para onde foi, a contragosto, se tratar. Depois de sua morte, sua reflexão continuou a fazer sentido. O legado de Fanon descrito através dos olhos do Deivison Faustino é encantador, instigante e acolhedor. Faustino escreve uma obra riquíssima em detalhes e fruto de uma pesquisa profunda não apenas visitando os principais biógrafos de Fanon, com destaque para Peter Geismar e David Macey, mas também aqueles que se dedicaram a analisar as mais diferentes formas do pensamento fanoniano, como Lewis Gordon, buscando responder as perguntas que inquietam não apenas Faustino, mas a todos os leitores de Fanon. Essa riqueza de detalhes faz desse livro uma excelente porta de entrada e um maravilhoso compêndio da obra deste pensador dos males que afetam o corpo negro no mundo capitalista, sejam esses males os da mente ou os da materialidade histórica. Em resposta à provocação feita por Faustino no último capítulo, digo que Fanon possui espaço garantido no século XXI, como provocador e pensador revolucionário, o que torna sua leitura imprescindível.

⁹ “*Sociologie d’une révolution: L’na V de la révolution algérienne*” no original em francês.